

O ataque de drones que matou o general Qassem Soleimani, comandante da Força Quds e uma das figuras mais poderosas do seu país, marca um dos pontos de tensão mais altos da rivalidade de décadas entre os Estados Unidos e o Irão.

Este artigo aborda as tensões geopolíticas vividas no início de 2019, destrinchando o seu início e os motivos por detrás destes conflitos. Adicionalmente, é apresentada uma breve cronologia dos principais acontecimentos históricos do país e da relação com os EUA.

Quem era o General Qassem Soleimani?

Soleimani era conhecido por ter ajudado a derrubar o equilíbrio geopolítico a favor do Irão em vários países. Ele era um dos homens mais poderosos do Irão, muito próximo do líder supremo, o aiatolá Ali Khamenei, e considerado a principal figura de inteligência militar no país.

O major-general liderava desde 1998 a Força Al Quds, unidade especial da Guarda Revolucionária, e era apontado como o cérebro por detrás da estratégia militar e geopolítica do país. Sob liderança de Soleimani, o Irão reforçou o apoio ao Hezbollah, no Líbano, e outros grupos militantes.

A História

1856: Primeira relação diplomática entre Pérsia e Estados Unidos, com a chegada do primeiro embaixador persa, Mirza Abolhasan Shirazi, a Washington, D.C.

1935: Pérsia muda o nome para Irão.

1941: Reino Unido e Rússia invadem o Irão, com apoio norte-americano, devido a suspeitas que o monarca iraniano apoiava o eixo nazi, destituindo o Xá e dando início ao reinado do último Xá do Irão, filho do anterior.

1941/79: Reinado de Mohammad Reza Pahlavi, último Xá do Irão, que tinha uma atitude moderada pró-americana que enraiveceu islâmicos conservadores, acompanhada por autoritarismo que levou a contestações da comunidade secular.

1944: Entrada em funcionamento da embaixada norte-americana em Teerão.

1952/3: O primeiro ministro iraniano, Mohammed Mossadeq, começa um processo de nacionalização da empresa Anglo-Iranian Oil Company (AIOC).

1953: Golpe de Estado apoiado pelos EUA que retirou o primeiro ministro do poder, dando mais poder ao Xá.

1957: Os EUA e o Irão assinam o acordo de Cooperação do Uso Civil de Átomos.

1964: Ayatollah Ruhollah Khomeini, o principal líder da oposição religiosa é exilado no Iraque.

1967: Os EUA fornecem ao Irão um reactor nuclear de cinco megawatts.

1968: O Irão torna-se signatário do Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares.

1979: (16 de Janeiro) O Xá anuncia que irá sair do país em férias, levando a uma reacção popular que prevê o fim do seu reinado. Antes de abandonar o Irão, coloca o opositor Shapour Bakhtiar como primeiro ministro.

(1 de Fevereiro) Khomeini regressa ao Irão, sendo felicitado por milhões de iranianos. Em apenas dias, os revolucionários tomam conta do exército, do governo e dos meios de comunicação social.

(1 de Abril) Início da República Islâmica do Irão após um referendo popular.

(4 de Novembro) 52 Diplomatas americanos em Teerão são feitos hóspedes durante 444 dias. O ataque resultou da fuga do Xá para os EUA, sendo exigido o seu regresso para responder por crimes contra o povo iraniano. Os últimos hóspedes apenas são soltos na tomada de posse do novo presidente norte-americano, Ronald Reagan, em 1981.

1980: Jimmy Carter congela activos iranianos no valor de USD 12 mil milhões e corta relações diplomáticas com o Irão, algo que ocorre até aos dias de hoje. Actualmente a Suíça actua como "força protectora" dos Estados Unidos no Irão, sendo que o Paquistão realiza a mesma função para o Irão nos Estados Unidos.

1980/88: Guerra Iraque/Irão, com apoio dos EUA ao líder iraquiano Saddam Hussein.

1984: Ronald Reagan declara que a República Islâmica do Irão é um estado que apoia o terrorismo.

1988: O navio de guerra americano USS Vincennes abate um avião comercial iraniano, matando 290 pessoas a bordo. Os Estados Unidos afirmam que a aeronave foi confundida com um avião de caça iraniano.

1992: O Congresso aprova o Acto de Não proliferação de Armas Irão-Iraque, impondo sanções a bens e tecnologia que poderiam contribuir para o fabrico de armas.

1996: O Congresso aprova o Acto de Sanções Irão-Líbia que penalizava o investimento na indústria petrolífera iraniana.

2002: Quatro meses depois dos ataques terroristas do 11 de Setembro, o Presidente Bush discursou, apontando o Irão, junto com a Coreia do Norte e o Iraque, como o “Eixo do Mal” e avisando que a proliferação de armas nucleares por esses países constituía terrorismo e ameaçava os Estados Unidos.

2013: Depois de o presidente Mahmoud Ahmadinejad ser substituído pelo moderado Hassan Rouhani, este e Barack Obama têm uma conversa telefónica, algo que não acontecia há mais de trinta anos.

2015: O Irão atinge um acordo sobre o seu programa nuclear com um grupo de potências mundiais, Estados Unidos, Reino Unido, França, China, Rússia e Alemanha. Segundo o acordo, o Irão aceita em limitar as suas actividades nucleares e permitir a presença de inspectores internacionais em troca do fim das sanções económicas.

Os Estados Unidos retiraram-se do acordo nuclear em Maio de 2018

Os Estados Unidos, presididos por Donald Trump, restabeleceram sanções económicas contra o Irão ao abandonar o acordo nuclear em Maio de 2018. Os motivos indicados para a retirada são os seguintes:

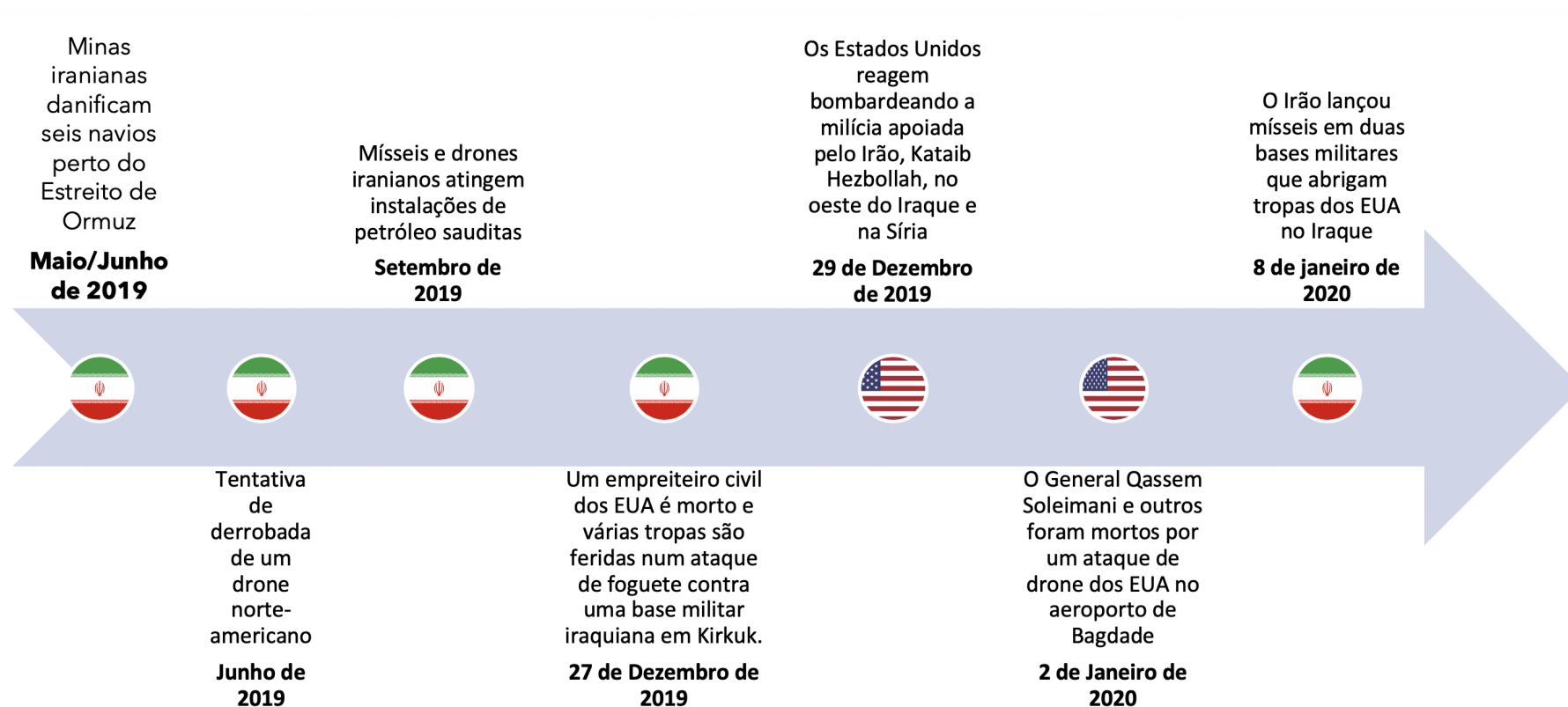
- As restrições ao programa nuclear do Irão deveriam expirar apenas 15 anos após a assinatura do acordo em 2015 (embora o acordo para não construir uma arma nuclear fosse permanente);
- O acordo não abrangeu o programa avançado de determinados mísseis do Irão, que poderiam ser usados para lançar armas nucleares;
- Em vez de se concentrar na reconstrução da sua economia, o Irão usou a retirada das sanções para aumentar os seus recursos militares.

O Irão respondeu a essas críticas dizendo que precisava de fortalecer as suas defesas para combater os milhares de milhões de dólares em armas que os Estados Unidos venderam para a Arábia Saudita, os Emirados Árabes Unidos e outros países do Oriente Médio.

Como os eventos recentes ficaram fora de controlo

Ao longo de 2019, os EUA aumentaram as sanções contra o regime do Irão, que rejeitou a oferta de Trump de reiniciar as negociações sobre um acordo nuclear se as sanções não fossem levantadas primeiro. Em vez disso, o Irão apostou erroneamente que poderia pressionar os EUA a relaxar as sanções pela força. Abaixo está a linha do tempo dos eventos recentes:

Figura 1: Cronograma dos eventos recentes

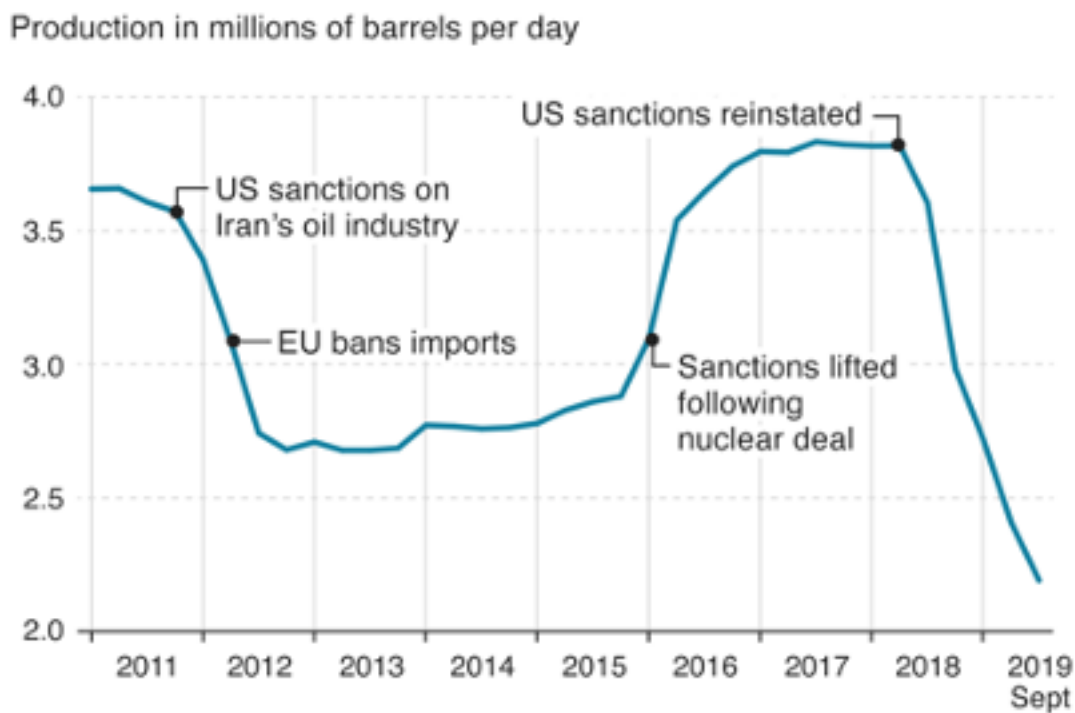


A economia iraniana entrou numa profunda recessão

Entre outras coisas, estas sanções criaram vários constrangimentos a nível económico:

- As sanções dos EUA levaram a uma redução abrupta da produção petrolífera e consequentemente das suas exportações. No início de 2018, a produção de petróleo do Irão atingiu 3,8 milhões de barris por dia, de acordo com dados da OPEP. Em 2019, a produção iraniana foi, em média, 2,4 milhões de barris por dia de acordo com o relatório mensal de Janeiro do cartel;

Figura 2: Evolução da produção petrolífera



Fonte: "Six charts that show how hard US sanctions have hit Iran". BBC, 9 de Dezembro de 2019

- A redução das exportações de petróleo bruto levou a uma redução da entrada de moeda estrangeira no país e conseqüentemente a uma depreciação da taxa de câmbio e a um aumento da inflação apesar da redução das reservas externas do país;

Figura 2: Evolução da taxa de câmbio

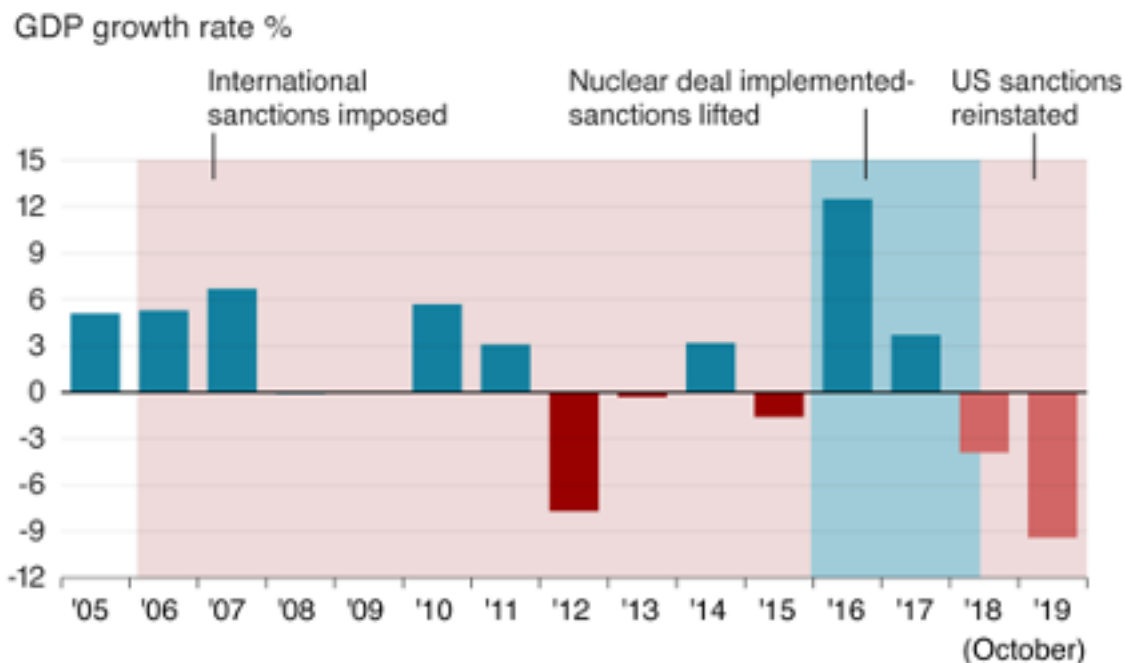
Number of Iranian rials to one US dollar at unofficial market rate



Fonte: "Six charts that show how hard US sanctions have hit Iran". BBC, 9 de Dezembro de 2019

- A economia entra em recessão, sendo que o FMI estima uma taxa de crescimento negativo em torno de 9,5%;

Figura 4: Evolução do crescimento do PIB



Fonte: "Six charts that show how hard US sanctions have hit Iran". BBC, 9 de Dezembro de 2019

Conclusões

- Trump concorreu em 2016 para evitar mais guerras. Um conflito directo com o Irão não apenas desestabilizaria os mercados de petróleo elevando o preço contrariamente ao desejado pelo presidente, mas também prejudicaria as perspectivas de eleição para 2020. Ainda mais importante, ficar envolvido numa guerra com o Médio Oriente facilitaria o caminho da China para se tornar o próximo poder geopolítico dominante do mundo e o líder em muitas das tecnologias de ponta no futuro. A decisão do presidente Trump de não retaliar os últimos ataques indica um desejo de evitar um conflito total.
- Para o Irão, entrar num conflito armado com os EUA pode ser devastador dada a situação económica actual. Note-se que têm ocorrido vários protestos da população contra o governo após o aumento do preço dos combustíveis, por exemplo.
- A opção do Irão de tentar fechar o Estreito de Ormuz não é viável por três razões principais: 1) a dependência quase total do Irão ao Estreito para movimentar as suas exportações de petróleo e outras trocas comerciais; 2) a presença da marinha norte-americana; e 3) os países asiáticos seriam mais afectados que os EUA sendo que recebem mais de 80% de todo o petróleo enviado

pelo estreito e o Irão não tem benefícios em criar tensões com países como a Índia e a China.

- No futuro poderá ocorrer novos eventos e mais sérios sendo que se estima que daqui a um ano, o Irão terá na sua posse armas nucleares.
- Este tipo de conflitos afectam as preferências dos investidores nos mercados financeiros. Durante os primeiros dias do ano, o preço do petróleo aumentou, tendo atingido 70 USD/barril, o máximo em quatro meses. Consequentemente, a possibilidade de um aumento do preço do petróleo levará a uma redução das taxas de juro da dívida externa angolana sendo que os investidores esperam de Angola maior capacidade de honrar os seus compromissos.

Este documento foi preparado pela Kitambo Business Consulting, Lda.

Autor da publicação:

Catarina Duarte, Consultora Económica

Email: catarina.duarte@easypeople.co.ao

Ricardo Martins, Consultor Económico

Email: ricardo.martins@easypeople.co.ao

Relatório completo a 15 de Janeiro de 2020, 20:00 (GMT+1)

Relatório divulgado a 17 de Janeiro de 2020, 17:00 (GMT+1)

Este relatório é divulgado somente pelo site da Kitambo Business Consulting.

Para mais informações visite www.kbc.co.ao



KITAMBO BUSINESS CONSULTING

Este relatório de pesquisa foi preparado pela Kitambo Business Consulting, Lda. Este é fornecido apenas para fins informativos e não deve ser considerado como uma oferta de venda ou solicitação de uma oferta de compra ou venda de instrumentos (ou seja, instrumentos financeiros aqui mencionados ou outros interesses no que diz respeito a tais instrumentos financeiros).

O relatório de pesquisa foi preparado de forma independente e exclusivamente com base em informações disponíveis publicamente que a Kitambo Business Consulting considera confiáveis. Apesar de ter sido tomado um cuidado razoável para assegurar que o seu conteúdo não é falso ou enganoso, não é feita nenhuma representação quanto à sua exactidão ou integridade sendo que a Kitambo Business Consulting não assume qualquer responsabilidade por qualquer perda directa ou consequential, incluindo, sem limitação, qualquer perda de lucros, decorrente da confiança neste relatório de pesquisa.

As opiniões aqui expressas são as opiniões dos analistas responsáveis pela elaboração do relatório de pesquisa e reflectem o seu julgamento de acordo com a data deste documento. Estas opiniões estão sujeitas a alterações e a Kitambo Business Consulting não se compromete a notificar qualquer destinatário deste relatório de tais alterações nem de quaisquer outras alterações relacionadas com as informações fornecidas aqui. A KBC não se responsabiliza por qualquer perda de qualquer pessoa com base nesta publicação.

A KBC é uma empresa de consultoria de gestão, fundada em Angola e conhecedora do mercado africano.

Para mais informações visite www.kbc.co.ao